

Modos de ver a violência na mídia entre adolescentes cearenses

Inês Sampaio

Resumo

Este artigo tem o propósito de discutir a relação de adolescentes com a violência presente na comunicação midiática, em especial a televisão. A análise é desenvolvida com base em uma pesquisa de caráter *quali-quantitativa*, que incluiu a aplicação de questionários e a realização de grupos focais com 60 estudantes do ensino fundamental nas cidades de Fortaleza, Quixadá e Aracati¹. Busca, nesta perspectiva, valorizar as leituras dos próprios adolescentes acerca dessa problemática e compreender suas percepções acerca das possíveis implicações decorrentes do contato com este tipo de conteúdo.

Palavras-chave

Violência. Mídia. Adolescência.

1 Os adolescentes e as mídias: uma breve introdução

A relação do público infanto-juvenil com as mídias, em particular as eletrônicas, tem sido historicamente caracterizada por forte atração e profundo encantamento. Crianças, adolescentes e jovens, nos mais diversos países e regiões do globo, têm estabelecido, ao longo das últimas décadas, uma intensa relação de comunicação com as mídias na busca por informação e entretenimento. As indústrias culturais, por sua vez, compreendendo e apostando na força desse mercado², têm investido fortemente no marketing infantil, buscando estabelecer um processo de fidelização de marcas, e ampliado a oferta de mídias e produtos culturais para o segmento infanto-juvenil.

Nesse processo, que assume características globais, a televisão, o computador e o celular vêm ocupando um lugar central na definição dos modos de se comunicar, estabelecer relações de sociabilidade e vivenciar o lazer das novas gerações. Para alguns autores (POSTMAN, 1982; MEYROWITZ, 1985), a própria noção de

Inês Sampaio | ines@ufc.br

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP –, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará – UFC – e coordenadora do Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Adolescência e Mídia – GRIM/UFC.

infância e adolescência vem se modificando com a intensificação dessas novas formas de comunicação. As mídias eletrônicas tendem a promover a superação das zonas de segredos entre adultos e crianças, o que pode estar na raiz de muitos problemas sociais, tais como a erotização precoce das crianças e adolescentes ou o aumento da criminalidade entre os jovens.

A intensificação do contato com as diversas mídias por parte deste segmento tem despertado, assim, a atenção não somente de pais, professores e pesquisadores que atuam junto a crianças e adolescentes (psicólogos, pediatras, nutricionistas, comunicadores etc.), mas de governos e lideranças da sociedade civil, preocupados em proteger crianças e adolescentes de conteúdos supostamente danosos à sua formação. Problemas sociais graves, tais como a gravidez precoce e a violência nas escolas, têm sido associados à exposição da criança e do jovem a conteúdos inadequados difundidos na mídia³. Nesse sentido, a legislação internacional passa a incorporar os critérios do sexo, da violência e do uso de drogas, como elementos centrais dos sistemas de classificação de conteúdos

audiovisuais, visando a proteção da criança e do adolescente. Isso tem ocorrido em parcela expressiva de países, tais como EUA, Holanda, França, Alemanha, Suécia, México, Itália, Argentina, França, Portugal etc.

É importante, pois, reconhecer que a política de regulamentação de conteúdos audiovisuais, como é o caso da nova política de classificação indicativa no Brasil, representa uma conquista, voltada para atender uma demanda legítima da sociedade no sentido da proteção de crianças e adolescentes. Por outro lado, é fundamental avançar nas pesquisas acerca da relação do público infanto-juvenil com as mídias, considerando devidamente as lacunas de conhecimento que ainda existem nesta área e dificultam a definição de consensos no campo da elaboração de políticas públicas. Além disso, é fundamental que as pesquisas considerem as mudanças avassaladoras que estamos acompanhando no cenário midiático em termos da ampliação e diversificação das ofertas de comunicação, a fim de dar conta das novas exigências no campo das políticas de proteção.

No debate público acerca desta problemática, não há como negar a marca da tensão estabelecida

1 Cidades situadas no Estado do Ceará, Nordeste do Brasil. A amostra inclui, assim, a 5ª maior capital do país e duas cidades do interior do Estado, situadas nas zonas do sertão e da praia, respectivamente. O grupo pesquisado incluiu estudantes da 5ª a 9ª séries do Ensino Fundamental das redes pública e privada.

2 A título ilustrativo do vigor deste mercado e do aporte de verbas feito neste setor, podemos citar o investimento em produtos alimentícios da empresa McDonald's, que atingiu US\$ 1,3 bilhão com publicidade nos Estados Unidos em 2002 (LINN, 2006) ou o crescimento vertiginoso do mercado infantil. Segundo a ABIHPEC - Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos, entre 2001 e 2006, o faturamento anual cresceu de R\$ 261,5 milhões para R\$ 562,4 milhões, alcançando naquele ano um volume de vendas de 37,3 milhões de toneladas. Cf. site. <http://www.abihpec.org.br>.

3 Cf. acerca desta questão as pesquisas reunidas por STRASBURGER (1999).

nos anos 60 entre as posições apocalípticas e integradas (ECO, 1990). Na polarização entre interesses públicos e privados, sociais e de grandes corporações, não é incomum que se reacenda a antiga polêmica entre os defensores e os críticos do sistema midiático. De um lado, há os que se esteiam numa concepção de vilania da mídia, para quem esta foi, é e será sempre a causa de todos os males da sociedade e da degeneração de seus valores. Do outro lado, há os que fazem a defesa ardorosa da mídia, de modo também indiscriminado, com base na noção de que o poder da mídia é superestimado por seus “detratores”.

A polarização entre os apocalípticos e integrados, ainda que duramente criticada na academia⁴, tende a ter ainda certa sobrevida, em razão de seu apelo fácil ao entendimento da complexa relação do público com as mídias. Contudo, é importante reconhecer que um conjunto expressivo de entidades e ativistas de direitos humanos, governos e órgãos envolvidos com a produção e o controle social dos conteúdos audiovisuais, tanto no Brasil como em outros países, já revela em seus discursos e práticas o entendimento dessa complexidade e, por isso mesmo, demandam dos pesquisadores o aprofundamento das reflexões acerca desta problemática.

Neste artigo, tendo em vista a literatura disponível sobre o tema e com base em uma

análise de alguns depoimentos de adolescentes do Ceará, procuraremos considerar a questão da relação do público infanto-juvenil com as mídias, estabelecendo o recorte específico no público adolescente e o foco nos seus modos de compreender e avaliar a questão específica da violência. Deste modo, esperamos poder contribuir com o debate em torno dessa questão e a ampliação da agenda de pesquisa nesta área.

2 A violência na mídia: alguns desafios da pesquisa

Pesquisas com o foco na violência e seus supostos impactos sobre as crianças, os adolescentes e os jovens, destacam-se como uma das áreas de investigação sobre a qual a academia tem dedicado forte atenção. Desde a década de 60, em pesquisas desenvolvidas na Europa, Estados Unidos e Ásia, a relação problemática entre a exposição a cenas de violência e o desenvolvimento de comportamentos agressivos entre crianças e adolescentes tem sido evidenciada (CARLSON; VON FELITZEN, 1999).

Com base em mais de cem estudos acerca das implicações da exposição da criança e do adolescente a conteúdos violentos, Strasburger (1999) destaca como principais “efeitos”: a geração de comportamentos anti-agressivos e anti-sociais; a dessensibilização diante de situações violentas na vida real; e o aumento do sentimento de medo.

⁴ Apesar de duramente criticada, não se pode deixar de reconhecer que as posições apocalípticas e integradas ainda estão presentes na academia também.

É preciso considerar, contudo, que parcela expressiva das pesquisas empíricas desenvolvidas acerca da relação do público infanto-juvenil com as mídias foram desenvolvidas nos EUA. Neste caso, como postulam Livingstone e Hargrave (2006), é fundamental que se avalie em que medida os seus resultados podem ser validados em outras sociedades, considerando as diferenças contextuais e normativas de cada uma delas. Pesquisas de laboratório e estudos de caso, bastante comuns nessa área, não permitem, tampouco, generalizações mais amplas.

Além disso, é preciso reconhecer que alguns estudos se contradizem ao tratar da questão dos possíveis “efeitos” da violência sobre o público infanto-juvenil. Aportes teóricos e metodológicos distintos explicam, em alguma medida, os diferentes resultados. Há mesmo os que põem em questão a validade de investigação em condições artificiais. Além disso, a própria noção de “efeito”, embora amplamente utilizada neste tipo de estudo, tem sido redefinida, ressignificada e até mesmo abandonada por abordagens que buscam superar as leituras lineares acerca da mídia e sua relação com as audiências (LIVINGSTONE; HARGRAVE, 2006).

Reconhece-se que a mídia, entre outros fatores, exerce algum tipo de influência sobre as percepções e visões de mundo do público sobre a violência, mas isso não implica necessariamente no seu envolvimento em comportamentos

violentos. Considerando que esse tipo de influência tende a assumir um caráter duradouro (FRAU MEIGS, 2004), as pesquisas voltadas a compreender “processos” de longo-prazo tendem ser mais esclarecedoras que as voltadas para identificar “efeitos” imediatos.

Uma evidência dessa tendência de superação de perspectivas estritamente ligadas à noção de “efeitos” no Brasil pode ser encontrada no balanço sobre pesquisas no campo da recepção na década de 90 levadas a efeito por Jacks (2006)⁵. De um total de 20 pesquisas realizadas nos Programas de Pós- Graduação neste período, com o foco específico nos processos de recepção da televisão, 16 (03 teses e 13 dissertações) adotaram uma abordagem sociocultural. Em outras palavras, elas se caracterizaram por adotar uma perspectiva mais ampla de análise do processo de recepção da comunicação midiática, conferindo destaque a autores como Martín-Barbero (1997), Orozco Gómez (2001) e Canclini (1996). Tratam-se de perspectivas alicerçadas na tradição dos estudos culturais, de Williams (1979), Hoggart (1963), Hall (2003), entre outros, em que a comunicação é concebida como um processo de negociação de sentidos entre sujeitos.

No âmbito do paradigma construtivista, por sua vez, nas obras de autores como Luhmann (1996) e Schmidt (1996), a compreensão de que a mídia participa do processo de construção da realidade

ganha relevo, associada ao entendimento de que seu maior poder resulta precisamente deste seu envolvimento com o processo de configuração do real. Ela não se reduz a um canal ou a um simples espelho, mas também não se constitui numa espécie de Deus, onipotente, um escultor solitário do mundo à sua volta. Nesta perspectiva, reconhece-se o poder das mídias, mas também do público que se envolve em relações comunicativas (não apenas midiáticas), em um processo de redefinição permanente de seus conceitos e práticas.

Tanto na perspectiva construtivista quanto no campo dos estudos culturais, prevalece a compreensão de que a relação do público com as mídias assume particularidades importantes relacionadas aos contextos nacionais, regionais e locais, associadas aos aspectos econômicos, culturais e normativos específicos que definem a forma de atuação das instituições de comunicação. No caso das crianças e adolescentes, ainda há a particularidade da idade, no que concerne ao desenvolvimento dos diversos níveis de sua capacidade cognitiva (PIAGET, 1975), que constitui um fator importante na definição nos modos de compreender a a mídia por este público.

Nesse sentido, a superação dos modelos de comunicação linear, associada à compreensão da importância da mídia nos processos de construção da realidade e das mediações na definição das leituras dos diversos públicos sobre

a comunicação, leva-nos a abordar a questão da relação dos adolescentes com os conteúdos violentos da mídia, com base nas leituras dos próprios adolescentes, valorizando as suas percepções sobre a comunicação midiática, tal como nos estudos de Cogo e Gomes (1998).

Neste caso, procuramos compreender se para o grupo de adolescentes que participou da pesquisa a sua exposição à violência na mídia é considerada um problema. Para eles, o que é a violência? Como a classificam? Como avaliam a exposição da violência na mídia e seus supostos efeitos na juventude? Sentem-se atingidos por ela?

Ao abordar essas questões, temos absoluta clareza da impossibilidade de chegarmos respostas [termo excluído] definitivas sobre os problemas tratados, seja pela dimensão limitada do estudo para se estabelecer qualquer generalização em termos do país, seja porque este tipo de empreitada se coloca como uma tarefa coletiva do próprio campo da comunicação no diálogo com os outros campos do saber (psicologia, educação etc.). Esperamos, contudo, ter condições de oferecer algumas contribuições em relação às questões elencadas.

3 Leituras de adolescentes sobre sua relação com a mídia e os conteúdos violentos

Antes de abordarmos a questão das leituras sobre violência expressa pelos adolescentes que participaram da pesquisa, é preciso fazer

alguns esclarecimentos. A questão da violência constitui um elemento importante que optamos por analisar com base em informações colhidas em uma pesquisa muito mais ampla sobre a relação de crianças e adolescentes com a mídia⁶. Não se trata, nesse sentido, de um estudo feito com o propósito específico de analisar a questão da violência. Por um lado, esta particularidade da investigação nos permite discutir a temática da violência em um contexto mais amplo da comunicação midiática. Por outro lado, questões habitualmente tratadas em estudos deste gênero podem não estar presentes. As questões sobre violência que são tematizadas nesse texto, são aquelas indicadas nos depoimentos dos próprios adolescentes ao comentarem suas experiências, o que as torna ainda mais reveladoras.

Se compararmos, ainda que brevemente, as cidades de Fortaleza, Aquiraz e Quixadá, nas quais a pesquisa foi desenvolvida, é possível perceber diferenças contextuais expressivas que circundam a vida do adolescente de uma grande metrópole como Fortaleza – com opções de lazer mais amplas e diversificadas e uma dinâmica urbana marcada por um ritmo vertiginoso – e das cidades do interior – nas quais a vida flui em um ritmo mais lento e o acesso aos bens culturais é bastante restrito.

Apesar das diferenças, é possível perceber a existência de muitas afinidades do ponto de vista do consumo de mídia desses grupos. A televisão, por exemplo, é a mídia mais presente no cotidiano dos adolescentes (100%), enquanto o jornal é a mídia com a qual eles têm menos contato, tanto na capital (23%) como no interior (20%). Em relação às outras mídias, em Fortaleza, seguem como opção, o rádio (63%), o computador (53%) e o celular (50%) e, no interior, estas mesmas opções foram igualmente citadas, apenas em menor proporção (47% cada um), o que pode ser um indício da existência de preferências comuns, mas de níveis de acesso diferenciado.

A maioria desses adolescentes não tem TV no quarto (55%) e ainda é a minoria que dispõe de TV a cabo⁷. Na capital, apenas 30% dos adolescentes pesquisados dispõem desta possibilidade e no interior este número cai, ainda, para 17%. Este é um dado importante para se avaliar as preferências de programação indicadas pelo grupo, visto que a grande maioria não tem acesso à diversidade de produtos culturais ofertados pela TV a cabo. Do ponto de vista do gênero, as opções dos adolescentes foram pelos filmes (87%) e os

6 Este pesquisa recebeu apoio financeiro do CNPq através do edital universal MCT/CNPq 02/2006. Foi desenvolvida pelo GRIM (UFC) no contexto de reflexões acerca da classificação indicativa no Brasil, com a colaboração dos bolsistas de iniciação científica Geciola Fonseca e Tiago Fontoura e da estudante Líada Damasceno. A amostra foi composta por um total de 120 estudantes do ensino fundamental da capital e do interior, dos quais 60 adolescentes do 5º ao 9º ano. Os dados apresentados neste artigo têm por base os questionários aplicados aos adolescentes e os depoimentos colhidos em 08 grupos focais, compostos de 03 a 08 estudantes, no período de 2006 a 2008.

7 A população brasileira que tem acesso a Tv fechada (satélite ou cabo) não supera os 9%. Cf. Entrevista de Clarice Coppetti, vice-presidente de tecnologia da Caixa Econômica Federal. Disponível em <http://www.direitoacomunicacao.org.br/novo/content.php?option=com_content&task=view&id=1032> Acesso em jan. de 2009.

desenhos animados (75%), seguidos pelas novelas (62%) e os programas de humor (62%).

Estimulados a indicar os seus três programas de televisão preferidos, os adolescentes mencionaram 89 títulos na capital e 90 no interior. Deste total, a preferência recaiu para “Malhação” (30%), “Belíssima” (23%) e “Zorra Total” (13%) na capital. No interior, a opção também recaiu para a série “Malhação”, mas as opções seguintes foram bem diferentes, por “TV Globinho” (23%) e “Pica-Pau” (17%). A justificativa mais citada para as referidas escolhas foi o caráter divertido/engraçado dos programas (60%).

- “Porque tem suspense, romance a alegria no colégio” (Menina/Escola Particular do Interior).
- “Porque eu gosto muito de programas de humor, me deixa alegre e de alto astral” (Menina/Escola Particular do Interior).
- “Porque na novela acontece muita coisa da vida real em todas as novelas, os desenhos é muito engraçado e divertido, tem muitas brincadeiras” (Menina/Escola Pública da Capital).
- “Eles são de humor, são alegres” (Menino/Escola Pública do Interior).

Na capital, além do programa ser divertido, foi mencionado o seu caráter educativo, no sentido de proporcionar algum tipo de aprendizado (32%). Entre os adolescentes do interior, outras justificativas também foram destacadas, tais como o simples fato de ter desenho (23%) ou, em igual proporção, ser educativo, mostrar a realidade ou ter aventura (10%). A relação dos

programas com a realidade é um elemento bastante valorizado pelos adolescentes, como um recurso de aprendizagem acerca do mundo que os cerca. Como veremos mais adiante, é um elemento que ajuda a compreender o interesse por conteúdos violentos também.

- “Porque são os que trazem coisas boas pra minha vida, dá pra aprender com eles” (Menina/Escola Particular da Capital)
- “Porque tem a ver com a minha vida” (Menina/Escola Pública da Capital)
- “Porque é o que acontece hoje em dia” (Menina/Escola Particular do Interior)

Os adolescentes também foram convidados a indicar os programas que não apreciavam assistir, apontando um total de 90 títulos na capital e 83 títulos no interior. Em Fortaleza, os programas indicados como menos apreciados foram: “Barra Pesada” (20%), “Xuxa” (20%), “Rebeldes” (17%) e “Malhação” (17%). Nas cidades do interior, foram destaque os programas: “Cidade 190” (17%), “Rota 22” (10%) e “Barra Pesada” (10%). A rejeição a tais programas foi justificada por eles com base nos tipos de conteúdos apresentados, tendo a violência obtido o maior destaque, tanto na capital (30%), quanto no interior (27%). Nas palavras de alguns adolescentes:

- “Porque passa muita coisa violenta” (Menino/Escola Particular do Interior)
- “Tem muita violência, acidentes” (Menino/Escola Pública do Interior)
- “Acontece muita coisa violenta” (Menina/Escola Pública do Interior)

Vale ressaltar, ainda, a existência de referências menos explícitas à violência nos depoimentos, as quais podem, embora não necessariamente, estar associadas a ela. Este é o caso do tipo de justificativa para a rejeição a determinados programas indicados abaixo:

- “Não gosto muito de ver desgraças” (Menina/ Escola Pública da Capital)
- “No jornal passa muita coisa que, às vezes, me deixa com medo” (Menina/Escola Pública do Interior)

Indagados ainda se eliminariam algum programa de TV, caso tivessem poder para tanto, a maioria dos adolescentes (57% na capital e 73% no interior) assumiu que sim, totalizando 49 programas indicados na capital e 57 no interior, com uma pulverização muito grande nas indicações. Na capital, o programa da “Xuxa”, foi citado por 13% dos adolescentes. Os programas “Barra Pesada”, “Rota 22”, “Rebeldes”, “*Bigbrother*” e “Comando Maluco” foram igualmente citados por 7% dos estudantes. No interior, os estudantes excluíam da televisão programas como “Barra Pesada” (23%), “Cidade 190” (17%), “Rota 22” (10%) e “Jornal Nacional” (10%).

Como justificativa para a exclusão dos programas citados, novamente a violência aparece como um argumento comum, destacado por 33% dos adolescentes da capital e 20% deste grupo no interior. No interior, a violência lidera as

justificativas apresentadas. No caso da capital, ela ocupa o segundo lugar, depois do fator sexo, citado por 57% dos adolescentes. Nas palavras dos adolescentes:

- “Porque eles mostram muita violência” (Menino/Escola Pública da Capital)
- “Porque desgraça, mentira e “falta de simanco!” já vemos todo dia” (Menina/ Escola Particular da Capital)
- “Só passa morte, bandido, violência” (Menina/ Escola Particular do Interior)
- São filmes violentos e não podem ser assistidos por crianças menores (Menino/Escola Pública do Interior)

À esta primeira fase quantitativa do levantamento de dados com questionário, seguiu a fase qualitativa, voltada para identificar os diferentes pontos de vista dos adolescentes sobre as questões anteriormente levantadas. Nos grupos focais, compostos, como indicado anteriormente, de forma bastante heterogênea em termos de gênero, classe social e localização geográfica, essas indicações iniciais puderam ser mais aprofundadas, na busca por identificar os modos de compreender e avaliar a violência dos adolescentes.

De um modo geral, a violência apareceu nos depoimentos dos adolescentes vinculada a algum tipo de *agressão física*, envolvendo situações de luta, combate e morte. Recebem explicitamente a nomeação de violentos os atos com este tipo

de configuração. Formas menos explícitas de violência, como a violência psicológica, tais como a rejeição, o abandono, a indiferença diante de necessidades afetivas⁹, entre outras, ou a violência simbólica, exercida com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e dos que a exercem (BOURDIEU, 1997), não mereceram destaque nas falas dos adolescentes. Nestes casos, embora, tenha havido menções à difusão de preconceitos na mídia em alguns depoimentos, este tipo de fenômeno não foi identificado claramente como uma forma de violência. Nos depoimentos, a violência é vista, sobretudo, como associada a um *ato físico*, assemelhando-se à percepção das crianças, identificada no estudo de Soares (2006, p. 107), “como associada a algum tipo de agressão física”.

Concebida nestes termos, ela é também bastante polêmica, provocando nos adolescentes sentimentos absolutamente contrários, como a *atração ou a rejeição*, em razão de uma série de fatores que buscaremos analisar. Dentre os elementos indicados pelos adolescentes para justificar sua atração por cenas com este tipo de conteúdo, podemos destacar: a referência à violência em si; a relação com um determinado gênero preferido (ex: terror, ação etc.); sua vinculação a um propósito, um ideal maior e a relação com a realidade. Evidentemente, tais aspectos podem estar associados entre si ou vinculados a outros

fatores que podem elevar o interesse por esse tipo de conteúdo.

O diálogo, a seguir, é emblemático desse modo de lidar com a violência nos filmes, quando a atração pelas cenas violentas justifica-se “*por si mesmas*”, ou seja, por seus ingredientes mais comuns: a luta, o sangue e, em certo sentido, o próprio grotesco exposto na situação. No trecho apresentado abaixo, a discussão se dá em torno do filme preferido de um adolescente de escola pública da capital. Percebe-se também no depoimento a importância da questão de gênero.

Enquanto os adolescentes apreciam a cena, a adolescente critica fortemente este interesse. Isso não implica, como teremos oportunidade de ver mais adiante, a inexistência de meninas que apreciem este tipo de apelo:

- “na cena em que o Freddy pegou o facão do Jason, aí ele tava no chão, ficou tacando nas costas dele, que os pedaços voavam. Aí eu gostei demais.” (Menino 1)
- “eu gosto mais de filme de luta, assim Bruce Lee, Steven Seagal.(..) é...o Dragão, do Bruce Lee (Menino 2)
- Pesquisador: diz aí a cena...
- “a cena? A cena do gelo, que ele encontra o irmão dele morto dentro do gelo, aí ele mata os soldados tudim” (Menino 2)
- Pesquisador: E você achou massa por que?
- “Achei massa porque tem sangue!”
- “Ave Maria! Povo violento! Nam!” (Menina 1)

Outras situações bastante comuns em que o interesse pelas cenas de violência fica evidente são aquelas associadas ao próprio gênero de filme indicado como preferido, como é o caso do “terror” e, em alguns casos, de “ação”. Isto fica claro no depoimento anterior e está também presente em vários outros casos, como este em que alguns adolescentes de escola particular do interior atestam esse tipo de preferência:

- “Eu gosto é de assistir filme é de ação” (Menino 1)
- “o meu preferido é de terror” (Menino 2)
- “eu gosto de terror e de comédia, “Todo Mundo em Pânico 1 e 2” (Menina 1)
- “o melhor filme... não tem nenhum filme para assustar mais que o Exorcista não”. (Menino 1)
- Pesquisador: “E vocês não tem medo depois de assistir a um filme desses?”
- “Eu já assisti a Casa dos Mortos!” (Menino 2)
- “Eu já assisti Premonição!” (Menina 1)

Na entonação de alguns adolescentes, a coragem de assistir determinados filmes, considerados por eles como “pesados”, “violentos” ou “com conteúdo adulto” se revela como um valor importante, visto como um possível recurso para se colocar numa posição de destaque diante dos colegas.

Para outros adolescentes, as lutas e situações de combate que se radicam em algum propósito maior, “um ideal”, que servem de instrumento para alcançar uma causa nobre justificam também interesse dos adolescentes por certos

conteúdos violentos. Muitas dessas narrativas seguem o modelo clássico da luta do bem contra o mal, em que os “heróis” sempre derrotam os “vilões”, utilizando-se quase sempre das mesmas armas, como é o caso do filme em questão:

- “Eu gosto daquele desenho...é o “Power Rangers”! (Menino 1/ Escola Pública de Fortaleza)
- “Não, pelo amor de Deus...” (Menino 2)
- Pesquisador 2: “ mas ele gosta, né?”
- Pesquisador 1: “O que é que você acha legal nele?”
- “Acho legal que eles lutam com os monstros tentando salvar o planeta...a terra deles.”(Menino 2)

Em uma Escola Privada também da capital, outro depoimento revela a importância da atribuição de um sentido maior para o ato violento a fim de que ele possa ser melhor digerido pelos que não se sentem necessariamente atraídos por este tipo de conteúdo:

- “Assim, eu não sou muito chegada, eu num gosto muito de filme assim violento, mas depende assim da questão do filme [...] aquele do Jean-Claude Van Damme que é um filme que ele vai lutar, assim, eu gostei daquele filme [...]. Não, assim, o moral da história é que eu gostei entendeu? Porque ele tava querendo lutar, mas num era pela intenção de só matar... num sei que, ele tava assim porque ele precisava do dinheiro, ele tinha um propósito pra aquilo, e teve muitos lá que morreram lutando, entendeu? Ai eu gostei muito assim” (Menina)

Um último elemento importante associado ao interesse dos adolescentes por determinados conteúdos violentos é a sua relação com a

realidade, ao propiciar algum tipo de informação sobre o mundo que os cerca, algum tipo de aprendizado sobre como lidar com determinado tipo de situação ou evitar determinados tipos de riscos. Mais adiante, retomaremos esta questão.

Curiosamente, a *rejeição* a determinados conteúdos violentos pode estar associada às razões similares às referidas, compreendidas/percebidas, contudo, de outra maneira.

Este é o caso da referência à presença da “violência em si”. Outros elementos também presentes nos depoimentos dos adolescentes, para justificar a referida resistência, foram a “associação com sentimentos de tristeza e/ou medo” e “as implicações negativas oriundas de comportamentos imitativos condenáveis.

Podemos ver a rejeição direta à “violência em si” no depoimento de algumas adolescentes, ao serem indagadas sobre o que mudariam na TV se tivessem poder para tanto:

- “Violência [...] esse negócio de crime, de assalto.. “e seqüestro...“e mortes, matando... guerra...” (Menina 1/ Escola Pública do Interior)
- “Tiraria toda a violência. Num gosto de nenhuma...de violência, de gente morrendo, num gosto” (Menina 2/ Escola Particular de Fortaleza)

Os sentimentos provocados diante da exposição de cenas de violência, tais como o “medo” ou a “tristeza”, revelam, ainda, diferentes tipos de sensibilidade em relação ao contato dos adolescentes com cenas dessa natureza. Experiências negativas podem, nesse

sentido, inibir novos contatos e justificar uma condenação desse tipo de conteúdo.

Vale ressaltar, contudo, que outros tipos de comportamento podem se suceder e que, apesar do sentimento manifesto de temor, alguns adolescentes continuam a assistir a este tipo de filme, sentindo-se atraídos por ele.

Os depoimentos revelam, também, que o desconforto gerado pela exposição a determinadas cenas, expresso na forma de pesadelos, sensações de perseguição e insegurança, entre outros, pode se prolongar muito além do contato imediato com uma determinada obra, como ocorreu com uma adolescente de Escola Privada de Fortaleza.

- “eu assisti a um filme que mexeu muito comigo”
- Pesquisadora: “qual?”
- “quando eu assisti...é..”Espíritos”..eu passei duas semanas sem poder me olhar no espelho, porque eu não conseguia me olhar no espelho, assim, virar para o espelho, imaginando que a menina do filme viesse e me pegasse pelo pescoço”.

A dimensão trágica associada a algumas cenas de violência também é rejeitada por alguns adolescentes, em razão da tristeza que é capaz de provocar. Este é o caso da violência exposta em programas policiais, algumas das quais estão presentes no cotidiano de alguns deles, atingindo seus amigos e/ou conhecidos. À rejeição de alguns adolescentes de Escola Particular do Interior a este tipo de apelo trágico se contrapõe

o argumento de outros de que a violência está na vida, é parte da realidade. Ao indicarem programas que deveriam ser eliminados da TV, registramos o seguinte diálogo:

– “(...) aí eu eliminaria aqueles programas tudo.. policiais”. (Menino 1)

Pesquisadora: “Policiais? E por que?”

– “Menos aquele...” (Menino 2)

Pesquisador: Espera aí, depois você fala, Diz:

– “Fala muita tristeza...mah...é morte”.

– “Mas é a realidade”.(Menina 1)

Outros adolescentes, ainda, estão convencidos das implicações negativas da violência sobre o comportamento das pessoas, especialmente das crianças, que, segundo eles, assumem facilmente um comportamento imitativo. A seguir, apresentamos trechos de um debate sobre esta questão, ocorrido em uma Escola Pública de Fortaleza. O diálogo é bastante revelador do modo como os adolescentes compreendem as possíveis implicações do conteúdo violento ofertado pela mídia.

– Pesquisador: “Vocês acham que a pessoa pode ter algum tipo de problema assistindo a algum filme de terror? de violência?”

– “Existe esses casos sim. Porque passou no jornal o menino que assistiu a boneca assassina, né...E a “boneca assassina” ela assassina as pessoas...claro né, o nome já tá dizendo...aí, ele pegou e quis fazer a mesma coisa...e fez... só não sei com quem”. (Menina 1)

– Pesquisador – E onde foi? No Brasil?

– “Foi no Brasil. Aí, isso afeta a mente para quem

tem algum problema da mente, tem alguma doença que eu não sei dizer o nome...quando vê uma coisa, quer fazer.” (Menina 1)

[...]

– “Como ela falou aí de fazer a mesma coisa com a boneca assassina...é que nem naquele negócio, “Strike”, aquele jogo, tá sendo proibido, porque tinha gente de São Paulo fazendo a mesma coisa” (Menino 1)

– “RPG, aconteceu um negócio também no RPG, que é um jogo, né...com pessoas...aí o menino foi e no jogo matou a família dele”. (Menina 2)

– “o jogo mandou fazer...o que o jogo mandou tem que fazer. Aí ele matou a família dele... ..é um jogo demoníaco!” (Menino 1)

[...]

– “meu colega, né, ele jogava...o pessoal jogava...o pessoal apostava a vida dos familiares...aí quem perdesse tirava a vida dos familiares...”.(Menino2)

– Pesquisador: “e aí? Eles matavam mesmo de verdade?”

– “matavam mesmo!” (Menino 2)

– Pesquisador: “um colega teu?”

– “Não, uma colega do meu colega” (Menino 2)

Em primeiro lugar, eles reconhecem a possibilidade da mídia influenciar os comportamentos do público. Tal influência, contudo, não é vista como uniforme. Para alguns, ela pode atingir “quem tem algum problema na mente”, enquanto para outros o problema decorre da natureza da própria fonte, a origem “demoníaca” do RPG. Além disso, o diálogo revela a força da própria narrativa midiática, que informa sobre os “acontecimentos”. Percebe-se,

nesse sentido, a imprecisão do conhecimento que os adolescentes em questão dispõem sobre as tragédias reais, supostamente provocadas pela violência na mídia, remetida a um espaço distante “em São Paulo” ou a um desconhecido “um colega de um colega meu”.

O caso anterior, contudo, remete a uma violência extrema, o assassinato. No caso de agressões menores, os relatos indicando comportamentos imitativos em casa e/ou na escola, entre amigos, se fizeram presentes. Para alguns adolescentes de Escola Pública do Interior, inclusive aqueles que, num plano mais abstrato, inicialmente afirmaram desacreditar na possibilidade de algum tipo de influência mais negativa da mídia, renderam-se a algumas “evidências” trazidas com a discussão:

– “eu acho que não tem nada a ver não. Porque se a pessoa quer aquilo, não vai importar se ela assistir um filme ou não. Ela vai seguir o que tá querendo” (Menina 1)

– “mas, às vezes, tem gente que faz isso...que briga, que vê na televisão e faz” (Menina 2)

– Pesquisador: “Aqui na Escola, os amigos de vocês... vocês acham que a TV influencia o comportamento deles ou não?”

– “Alguns sim” (Menina 1)

– Pesquisador: “Alguns sim. Você pode me dar um exemplo?”

– “O “Bofe de Elite”¹⁰ Ano passado, olha, esses meninos ficavam tirando onda com os outros na

hora do intervalo, ficavam batendo nos outros, aconteceu muito isso ano passado” (Menina 1)

Novamente, em termos das possíveis mediações¹¹ que interferem no processo de apropriação de conteúdos violentos pelos adolescentes, identificamos aqui a questão de gênero. Dentre os vários relatos desse tipo de experiência, não foram mencionados experiências de meninas envolvidas em conflitos físicos, como resultante de alguma exposição a cenas de violência na mídia. Possivelmente, não se trate também de mera coincidência, o fato de ser justamente uma adolescente a mencionar a briga entre os garotos no último depoimento.

Além disso, para alguns adolescentes, cada indivíduo constrói a sua própria relação com os conteúdos midiáticos de modo particular e as implicações da exposição a cenas de violência podem ser muito mais duradoras. É o que se depreende do depoimento de uma adolescente de Escola Pública da Capital:

– “Aliás, mas além de depender do filme, depende também da pessoa. Assim, se a criança for muito ativa, muito teimosa, muito malina, como eu disse, né, aí quando ela crescer, ela vai ter aquela impressão...Agora, se for uma criança, assim, uma criança mais comportada, não vai se deixar influenciar...mesmo quando adolescente, jovem e adulto”.

10 Quadro do Programa Show do Tom (TV Record).

11 Compreendidas como elementos de natureza sócio-cultural diversa que interferem no modo como os sujeitos produzem sentido acerca da realidade (MARTÍN-BARBERO, 1997).

É em razão desse modo de perceber as implicações da violência, como potencialmente arriscada ou em casos mais extremos, uma influência seguramente negativa sobre as pessoas e a sociedade, que alguns estudantes de Escola Pública do Interior eliminariam este tipo de conteúdo da televisão, se pudessem, incluindo em seu lugar, programas de humor, de caráter educativo, entre outros.

– “Eu deixava só os filmes infantis. E tirava esse negócio de luta, deixava só coisas mais leves, porque tem gente que vê e quer fazer o mesmo. Aí eu tirava” (Menina 1)

– “tirava filme violento. Botava filme de humor, de cuidado com a lei” (Menino 1)

Vale destacar, contudo, que a solução sugerida está longe de se tornar unanimidade, pois, como ponderam outros adolescentes, a televisão pode ficar “chata” com este tipo de medida.

4 Considerações Finais

Como procuramos evidenciar no texto, a vivência da infância e da adolescência na contemporaneidade tem sido marcada por uma exposição crescente às diferentes mídias, nas quais nem sempre predominam os conteúdos educativos. Sexo, violência e apelos de consumo, entre outros, estão entre alguns dos recursos utilizados pelas indústrias culturais para atrair cada vez mais este público e os recursos financeiros que eles movimentam.

Neste contexto, a sociedade também vem se mobilizando com o propósito de proteger

as crianças e os adolescentes deste tipo de investida. Cresce, nesse sentido, a demanda para que os pesquisadores contribuam com seus estudos para compreender a complexa relação deste segmento com as mídias. Dar conta desta complexidade implica considerar adequadamente os modos diversificados de viver a infância e adolescência no país, tendo em vista as peculiaridades econômicas e sócio-culturais das diferentes regiões, as condições diferenciadas de acesso aos bens culturais, as especificidades das produções midiáticas regionais e locais, entre outros. Trata-se de um desafio que exige, da parte dos pesquisadores, um maior intercâmbio de saberes e, do ponto de vista das instituições de fomento, o investimento em pesquisas de maior fôlego.

No caso da violência, abordada neste texto, a primeira lacuna que se faz sentir, diante dos estudos mais recentes na área, é a de estudos longitudinais, que nos permitam ter uma visão histórica do desenvolvimento de *processos* associados à exposição de crianças e adolescentes a este tipo de conteúdo. Além disso, é absolutamente necessária a realização de pesquisas com caráter interdisciplinar, o que exige a reflexão acerca das diferentes abordagens metodológicas, no sentido de um diálogo entre as várias áreas de conhecimento envolvidas (saúde, psicologia, comunicação, pedagogia, etc.). Outra questão a ser enfrentada, ainda, é que parcela expressiva das pesquisas, inclusive

esta, independente de sua qualidade, assume dimensões reduzidas em termos de abrangência, não permitindo generalizações em termos do país, tamanha a sua diversidade.

Desse modo, a leitura das reflexões apresentadas neste artigo deve ter em conta esses limites.

Nestes termos, esta pesquisa identificou a presença de uma concepção de violência entre os adolescentes, associada predominantemente às diversas formas de *agressão física* e a ausência de referência a outras formas de violência simbólica, tais como o apelo ao consumismo, a imposição de determinados padrões corporais e estéticos, a discriminação de minorias etc.

Isso não implica necessariamente que os adolescentes não identifiquem formas e situações de discriminação ou não se sintam, muitas vezes, incomodados com a imposição de determinados padrões e apelos aos quais estão submetidos.

Na verdade, esta discussão remete a um novo texto, com uma discussão mais específica. O que é possível concluir com base no material explorado é que tais processos e fenômenos não são identificados como formas de violência pelos estudantes que participaram da pesquisa.

O estudo mapeou, ainda, alguns fatores presentes na comunicação midiática que, na visão dos adolescentes, contribuem para que determinada cena violenta seja objeto de desejo ou experimente a rejeição por parte deste grupo. Dentre eles, destacaram-se os aspectos de gênero (feminino e masculino) e, também,

do gênero (terror e a ação). Soma-se aos elementos específicos demarcadores de rejeição, o potencial para gerar determinados tipos de sentimentos (tristeza, medo, insegurança) ou provocar determinados tipos de comportamentos imitativos condenáveis por sua natureza anti-social. A associação com um propósito ou ideal, por sua vez, foi identificado como um elemento atenuante da rejeição aos conteúdos violentos. Uma compreensão mais ampla dessas leituras exige, contudo, um maior aprofundamento, com base em estudos etnográficos e comparativos em outras localidades e regiões. Quem sabe, deste modo, possamos oferecer à sociedade respostas mais satisfatórias acerca da problemática da violência. Quem sabe, assim, possamos colaborar, de modo mais efetivo, com o aperfeiçoamento dos sistemas de proteção do público infanto-juvenil.

Referências bibliográficas

- APSAC. **Practice Guideline: Challenges in the Evaluation of Child Neglect.** Disponível em: <<http://www.apsac.org/mc/page.do?sitePageId=54514&orgId=apsac>> Acesso em 05 de jan. de 2009.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização.** Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1996
- CARLSON, Ulla.; VON FELITZEN, Cecília. (orgs.). **A criança e a violência na mídia.** São Paulo: Cortez/ UNESCO, 1999.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados.** São Paulo: Perspectiva, 1990.
- FRAU-MEIGS, Divina. Media regulation, self-regulation and education: debunking some myths and retooling some working paradigms. In: VON FEILITZEN, C.;

CARLSSON, U. (eds.). **Promote or protect**. Yearbook 2003 from the Unesco International Clearinghouse on children and violence on the screen. Göteborg: Nordicom; Göteborg University, 2004.

GOMES, Itânia. **Ingenuidade e recepção: a relação da criança com a TV**. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/sentido/ingenuid.html>> Acesso em out. de 2006.

GOMES, Pedro Gilberto; COGO, Denise Maria. **O adolescente e a televisão**. São Leopoldo, Unisinos, 1998.

HALL, Stuart. **Codificação/Decodificação**. In: SOVIK, Liv (org.). *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003

HOGGART, Richard. **The Uses of Literacy**: Aspects of Working-Class Life with special reference to publications and entertainments. Harmondsworth: Penguin, 1963.

JACKS, Nilda. Recepção televisiva: pesquisas brasileiras da década de 1990, **Global media journal**, Monterrey/ México, vol. 3, n. 5, 2006. (Edição Iberoamericana)

LINN, Susan. **Crianças do consumo: a infância roubada**. São Paulo: Instituto Alana, 2006.

LIVINGSTONE, Sonia; HARGRAVE, Andrea. Millwood. Harmful to children? Drawing conclusions from empirical research on media effects. In: CARLSON, Ulla. **Regulation, awareness, empowerment: young people and harmful media content in the digital age**. Suécia: Nordicom, 2006.

LUHMANN, Niklas. **Die Realität der Massenmedien**. Opladen: Westdt. Verlag, 1995

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place**. New York: Oxford University Press, 1985.

OROZCO GOMEZ, Guillermo. **Televisión, audiencias y educación**. Enciclopedia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación, Grupo Editorial Norma, Buenos Aires, 2001

PIAGET, Jean: **A Construção do real na criança**. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

POSTMAN, Neil. **Disappearance of childhood**. New York: Delacorte Press, 1982.

SCHMIDT, Siegfried. J. **Kognitive autonomie und sozial orientierung**: konstruktivistische bemerkungen zum zusammenhang von kognition, kommunikation, medien und kultur. 2. Aufl. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1996.

SOARES, Patrícia. A criança e a apropriação das mensagens de violência nos desenhos animados. In: SAMPAIO, Inês V. S.; CAVALCANTE, Andréa P. P.; ALCANTARA, Alessandra A. (orgs.). **Mídia de chocolate: estudos sobre a relação infância, adolescência e comunicação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

STRASBURGER, Victor C. **Os adolescentes e a mídia: impacto psicológico**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LUHMANN, Niklas. **Die Realität der Massenmedien**. Opladen: Westdeutscher Verlag. 2. 1996.

VON FEILITZEN, Cecília; CARLSSON, Ulla (eds.). **Promote or protect**. Yearbook 2003 from the Unesco International Clearinghouse on children and violence on the screen. Göteborg: Nordicom; Göteborg University, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. RJ, Zahar, 1979.

Ways of seeing violence in the media among adolescents from Ceará

Modos de ver la violencia en los media entre adolescentes de Ceará

Abstract

This article has the objective of discussing the relation between adolescents and violence shown by the media, especially on television. The analysis is based upon a quali-quantitative research format, which included the utilisation of questionnaires and focus groups for 60 primary school students in the cities of Fortaleza, Quixadá and Aracati. It seeks, from this perspective, to evaluate the way adolescents face this problem and their understanding of the possible implications influences that originate in contact with violent media content.

Keywords

Violence. Media. Adolescence.

Resumen

Este artículo tiene el propósito de discutir la relación de adolescentes con la violencia presente en la comunicación mediática, sobre todo la televisión. El análisis es desarrollado con base en una investigación de carácter quali-quantitativo, que incluye la aplicación de cuestionarios y la realización de grupos focales con 60 estudiantes de la enseñanza fundamental en las ciudades de Fortaleza, Quixadá y Aracati. Busca, en esta perspectiva, valorar las lecturas de los adolescentes acerca de esta problemática y comprender sus percepciones acerca de las posibles implicaciones que surjan del contacto con este tipo de contenido.

Palabras clave

Violencia. Media. Adolescencia.

Expediente

A revista E-Compós é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Lançada em 2004, tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de Comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior.

E-COMPÓS | www.e-compos.org.br | E-ISSN 1808-2599

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.11, n.3, set./dez. 2008. A identificação das edições, a partir de 2008, passa a ser volume anual com três números.

CONSELHO EDITORIAL

Afonso Albuquerque

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Alberto Carlos Augusto Klein

Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Alex Fernando Teixeira Primo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Alfredo Vizeu

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Ana Carolina Damboriarena Escosteguy

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Ana Sílvia Lopes Davi Médola

Universidade Estadual Paulista, Brasil

André Luiz Martins Lemos

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Ângela Freire Prysthon

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Antônio Fausto Neto

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Antonio Carlos Hohlfeldt

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Arlindo Ribeiro Machado

Universidade de São Paulo, Brasil

César Geraldo Guimarães

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Freitas Gutfreind

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Denilson Lopes

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Eduardo Peñuela Cañizal

Universidade Paulista, Brasil

Erick Felinto de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Francisco Menezes Martins

Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

Gelson Santana

Universidade Anhembi/Morumbi, Brasil

Hector Ospina

Universidad de Manizales, Colômbia

Ieda Tucherman

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Itania Maria Mota Gomes

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Janice Caiafa

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Jeder Silveira Janotti Junior

Universidade Federal da Bahia, Brasil

João Freire Filho

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

John DH Downing

University of Texas at Austin, Estados Unidos

José Luiz Aidar Prado

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

José Luiz Warren Jardim Gomes Braga

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Juremir Machado da Silva

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Lorraine Leu

University of Bristol, Grã-Bretanha

Luiz Claudio Martino

Universidade de Brasília, Brasil

Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Lucia Santaella

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Mauro Pereira Porto

Tulane University, Estados Unidos

Muniz Sodre de Araujo Cabral

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nilda Aparecida Jacks

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Paulo Roberto Gibaldi Vaz

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Renato Cordeiro Gomes

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Ronaldo George Helal

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Rosana de Lima Soares

Universidade de São Paulo, Brasil

Rossana Reguillo

Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores do Occidente, México

Rousiley Cell Moreira Maia

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Sebastião Carlos de Moraes Squirra

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Simone Maria Andrade Pereira de Sá

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Suzete Venturilli

Universidade de Brasília, Brasil

Valério Cruz Brittos

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Veneza Mayora Ronsini

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Vera Regina Veiga França

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

COMISSÃO EDITORIAL

Ana Gruszynski | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rose Melo Rocha | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

CONSULTORES AD HOC

Alexsandro Galeno Araújo Dantas | Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Isaltina Gomes | Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

João Luis Anzanello Carrascoza | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Malena Segura Contrera | Universidade Paulista, Brasil

Marcia Benetti | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Maria Aparecida Baccega | Universidade de São Paulo, Brasil

Vander Casaqui | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Virginia Pradelina da Silveira Fonseca | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

REVISÃO DE TEXTO E TRADUÇÃO | Everton Cardoso

ASSISTÊNCIA EDITORIAL E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA | Raquel Castedo

COMPÓS

www.compos.org.br
Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

Presidente

Erick Felinto de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

erickfelinto@uol.com.br

Vice-presidente

Ana Sílvia Lopes Davi Médola

Universidade Estadual Paulista, Brasil

asilvia@faac.unesp.br

Secretária-Geral

Denize Correa Araújo

Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

denizearaujo@hotmail.com